



MÚSICA E PREGAÇÃO: RETENDO O QUE É BOM DA HOMILÉTICA ESPETACULAR

Music and preaching: retaining good lessons from the spectacular homiletics

Isaac Malheiros¹

Resumo:

Esse artigo fará uma reflexão sobre a utilização da música como instrumento de pregação no culto cristão. Neste artigo, através de pesquisa bibliográfica, será avaliado um elemento importante da homilética espetacular contemporânea: a música como aliada da pregação. O fato de que os cultos midiáticos e as pregações espetaculares estão atraindo a atenção de tantas pessoas é uma evidência de que tais cultos têm suprido alguma demanda. Diante desse fenômeno, podemos resilientemente adotar a postura condenatória, denunciando todos os equívocos e manipulações dessa forma de pregação, ou podemos examinar tudo e reter o que é bom da homilética espetacular. O artigo revelará como a música pode contribuir para uma pregação bíblica e um culto racional equilibrado.

Palavras-chave:

Homilética espetacular. Música. Pregação. Culto cristão.

Abstract:

This article discusses the use of music as a preaching tool in Christian worship. In this paper, through literature review, will be assessed an important element of contemporary "spectacular homiletics": music as an ally of preaching. The fact that the media and the spectacular worship services are attracting the attention of so many people is evidence that such preaching actually meets the demand and people's necessities. Faced with this phenomenon, we can adopt condemnatory stance, denouncing all manipulations of this kind of preaching, or we can look at everything and retain what is good on the "spectacular homiletics". The article will reveal how music can contribute to a biblical preaching and a balanced spiritual worship.

Keywords:

Spectacular homiletics. Music. Preaching. Christian worship.

Considerações iniciais

¹ Músico instrumentista, Mestre em Teologia (EST), doutorando em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo-RS, bolsista da CAPES. Taquara, RS, Brasil. Contato: pr_isaac@yahoo.com.

A pregação bíblico-cristã sempre esteve vinculada à música. Há música na Bíblia. Ainda que não haja registro de melodias, existem salmos, hinos, poesias, frases metricamente ajustadas e até rimas.²

O culto protestante sempre foi caracterizado pelo uso da música. Lutero, Calvino e Wesley conseguiram aliar a pregação à música de forma equilibrada, teologicamente e pedagogicamente eficaz.³ Grandes oradores evangélicos aliaram música e palavra. Charles Finney usou a música de Thomas Hastings, Dwight L. Moody complementava sua pregação com a música de Ira B. Sankey, Billy Graham pregou centenas de vezes acompanhado e apoiado pelo talento musical de Cliff Barrows e George Beverly Shea.⁴

Mas em determinados períodos e contextos, o cristianismo apresentou um desequilíbrio na relação entre música e pregação. Quando a arte e a emoção eram vistas com suspeita, como um risco à espiritualidade, a música era suprimida. Quando a pregação foi vista como atividade excessivamente intelectual, que não toca as emoções, a música assumiu o protagonismo.⁵

Atualmente, há uma queda de braço entre música e palavra em muitas comunidades cristãs. A música tem sido acusada de “roubar” o tempo da pregação, assumindo o protagonismo do culto. O tempo dedicado à música e o tempo dedicado à pregação é motivo de tensão.

Segundo Jardimino, o sermão “perdeu espaço por várias razões” entre elas o fato de agora ter que disputar com “muitos outros elementos (música, artes cênicas)” bem como o desencanto da “sociedade já considerada pós-moderna”, e da igreja nesse contexto, em relação a “um discurso extremamente racional”.⁶ No entanto, é possível, e é até mesmo necessário, unir palavra e música na proclamação.

Como afirma Adam:

O culto não está submisso à prédica, nem a liturgia é uma moldura para a pregação. O culto precisa do sermão e o sermão precisa do culto. A pregação perpassa o todo e cada parte do culto. O culto permite que a comunidade vivencie, experimente essa voz viva que falávamos, através dos ritos, gestos, toques, símbolos e cores, tempos e calendários, arquitetura, imagens, movimentos, músicas, hinos, cantos e música, orações, bênçãos. Voz que performa não só o culto, mas o mundo. Tudo é manifestação da voz do Evangelho. O culto é o espaço por excelência da comunicação e da *performance* do Evangelho!⁷

Nesse artigo, vamos avaliar um elemento importante da homilética espetacular contemporânea: a música como aliada da pregação. O fato de que os cultos midiáticos e as pregações espetaculares estão atraindo a atenção de tantas pessoas é uma evidência de que tais cultos têm suprido alguma demanda. Diante desse fenômeno, podemos resilientemente adotar a postura condenatória, denunciando todos os equívocos e manipulações dessa forma de pregação, ou podemos examinar tudo e reter o que é bom da homilética espetacular.

² MORAES, Jilton. *Púlpito, pregação e música: palavra e música unidas na proclamação da Palavra*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. p. 15.

³ MORAES, 2010, p. 15.

⁴ SENN, Frank C. *Christian Liturgy: Catholic and Evangelical*. Minneapolis: Fortress Press, 1997. p. 600.

⁵ MORAES, 2010, p. 15.

⁶ JARDILINO, José Ruben. O sermão e seu espaço na liturgia protestante. *Contexto Pastoral*, v. 5, n. 20, maio/junho, 1995. p. 7.

⁷ ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 53, n. 1, p. 160-175, jan./jun. 2013. p. 171.

Lex orandi, Lex credendi, e vice-versa

A saudável aliança entre música e palavra passa obrigatoriamente pelo reconhecimento de que a música do culto público é funcional, é para ser feita com propósitos que estejam de acordo com os propósitos do culto. O culto e seus propósitos moldam a música. Mas o culto e seus propósitos também podem ser moldados pela música.

Um antigo axioma litúrgico do cristianismo é “*Lex orandi, Lex credendi*”: a lei da oração é a lei da fé. Ramos observa que, apesar de ser comum acreditar que a Teologia molda a Liturgia, o inverso também é verdadeiro.⁸ Para uma teologia ser aceita em longo prazo pela igreja ela deve oferecer suporte ou contribuir para o culto da comunidade.⁹ Por isso, é preciso fazer alguma coisa quando há uma desconexão entre os conteúdos do que é cantado e o que é pregado.¹⁰

Citando Rubem Alves, Ramos afirma que a Reforma protestante foi cantada antes de ser entendida.¹¹ A igreja primitiva já celebrava um culto cristão, antes de formular um credo, e bem antes de estabelecer um cânon bíblico. Cantar é tão importante quanto ouvir uma exposição das Escrituras.

A separação entre pregação e louvor/adoração é uma tendência inadequada. O louvor e a adoração tornaram-se quase exclusivamente sinônimos de música, emoção e participação, enquanto que a pregação remete ao monólogo autoritativo e à cognição.¹² No entanto, pregação e adoração são atividades simbióticas, pois quem fala transmitindo a Palavra de Deus deve fazê-lo de forma que “Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo” (1Pe 4:11).

Além disso, biblicamente, as revelações de Deus provocam respostas de adoração por parte do ser humano (por ex., Ne 8; Is 6; Mq 6:6-8). Se a pregação bíblica revela o caráter de Deus e sua vontade, ela é instrumento adequado para provocar respostas de adoração. O padrão revelação-resposta une pregação e música: o sermão revela a Palavra de Deus e estimula a resposta de adoração.¹³

Culto racional não é um culto estoico

Moraes observa que, no passado, o sermão era o ponto alto do culto, e o pregador era figura reverenciada, quer fosse um bom orador ou não, quer tivessem compreendido a mensagem pregada ou não.¹⁴ Tal atitude está ficando cada vez mais rara. Como alerta Adam, “a prédica - em sua forma e conteúdo - não comunica o que deveria comunicar. Há um esvaziamento daquelas igrejas históricas que mantêm um determinado estilo de pregação, a prédica clássica”.¹⁵ O culto de

⁸ RAMOS, Luiz Carlos. Liturgia, lecionário e pregação. In: CARVALHAES, Cláudio (org.). *Teologia do culto: entre o altar e o mundo – estudos multidisciplinares em homenagem a Jaci Maraschin*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012 (p. 17-22). p. 17.

⁹ RAMOS, 2012, p. 17.

¹⁰ Em algumas comunidades, há uma desconexão até entre os *indivíduos* que cantam e os que pregam.

¹¹ RAMOS, 2012, p. 18.

¹² ARTHURS, Jeffrey. João 3.16 na clave de dó: por que verdadeiros pregadores são líderes de adoração. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (orgs.). *A arte e o ofício da pregação bíblica*. São Paulo: Shedd, 2009. p. 46.

¹³ ARTHURS, 2009, p. 48-49.

¹⁴ MORAES, 2010, p. 46.

¹⁵ ADAM, 2013, p. 161.

forte tom emocional tem crescido, e a música é um dos principais elementos dessa mudança de ênfase.

O culto hedonista¹⁶ tem sido criticado por setores do protestantismo e do evangelicalismo histórico, pois não podemos depor nossa vida sobre a sustentação volátil das emoções. E a música tem sofrido críticas por ser aliada desse culto emocional.¹⁷ Os sermões contemporâneos, influenciados pela pregação midiática, se tornam cada vez mais emocionais e voltados para o indivíduo, apoiados em testemunhos e pela música, também de tom fortemente emocional.¹⁸

Segundo Ramos, a homilética espetacular é trágica, busca o *ekstasis*, a purgação das emoções, mas também busca o prazer do espectador.¹⁹ A música é o principal "condimento" da homilética trágica, tornando a pregação mais agradável aos seus espectadores. Na homilética convencional, as figuras de linguagem são o principal "condimento". Na homilética trágica, a música prepara ou conclui o acontecimento homilético, mas também atua durante, como "trilha sonora e parte da engenharia das emoções".²⁰

Combater o hedonismo parece correto. Mas como os extremos geralmente se encontram, a alternativa ao culto hedonista em algumas comunidades tem sido o culto estoico,²¹ que busca aniquilar as emoções até preferir a apatia e mesmo considerá-la normal (ou classificar de "culto racional" a apatia e a frieza congregacional). Parece inconsistente combater o culto *hedonista* e promover o culto *estoico*. Há lugar para emoções na vida e no culto cristãos?

Obviamente, o valor das emoções na experiência cristã não pode ser negado, pois se não houver envolvimento emocional, a mensagem pode até ser entendida, mas nunca será aplicada.

O cristão é bíblicamente orientado a oferecer um "culto racional", mas não é possível concluir daí que se deva valorizar exclusivamente o intelecto e o arrazoado humano. Tampouco se pode concluir que os cultos devem ser apenas aulas racionais de apologética doutrinária, ou que os sermões devem ser apenas didaticamente "expositivos", eliminando tudo o que venha a ser transcendente ou emocional.

O uso da música pelos pregadores e animadores religiosos da mídia é notório. Mas isso é mau? Não necessariamente. Ramos classifica a pregação apostólica como "homilética da emoção e da persistência".²²

A palavra *emoção* vem do latim *emovere*, que significa "movimentar", "deslocar";²³ daí conclui-se que emoções são reações às condições exteriores que afetam o indivíduo, levando-o à ação. Mas, dentro da perspectiva bíblico-cristã, nessa ação, a razão não deve ser sacrificada, pois a

¹⁶ O hedonismo é a doutrina filosófica que apresenta o prazer como o objetivo máximo da vida. É uma doutrina básica de alguns sistemas filosóficos, como o epicurismo.

¹⁷ Para uma avaliação do papel da música *gospel* na formação dessa nova identidade evangélica, ver MENDONÇA, Joêzer de Souza. *O Gospel é pop: música e religião na cultura pós-moderna*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes de São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95139>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

¹⁸ RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. Tese (Doutorado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005. p. 79.

¹⁹ RAMOS, 2005, p. 242.

²⁰ RAMOS, 2005, p. 241.

²¹ O estoicismo é a doutrina filosófica que propõe a indiferença e a apatia com relação a tudo o que é externo ao ser (paixões, emoções, prazeres), e viver unicamente de acordo com a razão.

²² RAMOS, 2005, p. 42-47.

²³ HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. 2015. Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=emotion>. Acesso em: 03 dez. 2015.

Palavra de Deus deve ser o parâmetro da ação cristã, e não o sentimento. John Stott, citando Lloyd Jones, afirma que:

A fé [...] é basicamente o ato de pensar, e todo o problema de quem tem uma fé pequena é não pensar. [...] A Bíblia está repleta de lógica, e, de forma alguma, devemos pensar que a fé seja algo meramente místico. A fé cristã é, em sua essência, o ato de pensar.²⁴

O cristão não pode basear-se nas emoções, pois elas falham e enganam, dependem das circunstâncias, do humor, da saúde. A vida cristã está em terreno mais sólido ao firmar-se na Palavra de Deus, que nunca falha (Tt 1:2). Mas não é um erro expressar emoções, pois no cristianismo encontramos inúmeras experiências emocionantes.

O “culto racional” de Rm 12:1 é frequentemente associado à ausência de expressões emocionais. Mas será que era isso que Paulo tinha em mente? A expressão traduzida como *racional* vem do grego *logikos*, que poderia também ser traduzido como *culto espiritual* (o termo “espiritual” de 1Pe 2:2, na versão ARA, também vem de *logikos*).

O versículo 1 faz uma breve analogia do “sacrifício vivo” com os sacrifícios de animais, tornados obsoletos pela morte de Cristo. Fica evidente que Paulo está fazendo um contraste com o frio formalismo destituído de significado, que caracterizava o culto no templo de Jerusalém. Portanto, o culto racional é um culto lógico, sem formalidades inúteis, sem arroubos sentimentais despropositados, algo que faz sentido espiritualmente, pois as coisas espirituais só são discernidas espiritualmente. Mas constitui um sacrifício *vivo*, algo a ser oferecido, apresentado a Deus (Hb 13:15).

O mesmo contexto que fala-nos do culto racional (Rm 12:1) também orienta-nos: “Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram” (v.15). O apóstolo traz uma brilhante definição do equilíbrio ideal entre razão e emoção: “[...] cantarei com o espírito mas também cantarei com o entendimento” (1Co 14:15).

Cantar com a mente é compreender o texto do que está sendo cantado; fazer daquela oração a sua oração; apropriar-se, pela fé, das promessas contidas na letra; é colocar em prática o que está sendo cantado; é tornar a letra da música uma realidade a ser vivida diariamente. Mas não conseguiríamos isso estribados em nosso próprio entendimento, pois nós “temos a mente de Cristo” (1Co 2:16). Enfim, o texto de 1Co 14:15 poderia ser parafraseado da seguinte forma: “[...] cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente - não a minha mente, mas a de Cristo, que vive em mim”.

Apenas “sentir” não provoca nenhuma mudança duradoura se não organizarmos inteligentemente a disposição gerada pelas emoções, e dermos forma aos sentimentos. A razão deve dar forma e direcionar o sentimento, de outra forma instalar-se-ia o caos.

Na adoração pública, o equilíbrio entre a razão e a emoção deve existir, mas não necessariamente ao mesmo tempo. Portanto um culto pode conter partes apenas emocionais ou apenas racionais, e isto não será pernicioso, desde que ao final possamos perceber claramente o equilíbrio.

Por conseguinte, as emoções devem ser corretamente manifestadas, e não estoicamente reprimidas. O culto racional, ou espiritual, não pode ser apenas um “culto da mente”, caracterizado pelo formalismo e pela prolixidade. O papel da razão é direcionar as emoções para que o culto não tenha irreverência (Hb 12:28), gritaria (Ef 4:31), indecência e desordem (1Co14:40).

²⁴ STOTT, John. *Crer é também pensar: a importância da mente na vida cristã*. São Paulo: ABU, 1984. p. 37.

A música contribui positiva e objetivamente com a dinâmica racional-passional do culto, e pode contribuir também com a dinâmica racional-passional do próprio sermão. Além disso, existem outros benefícios da utilização da música na pregação, como avaliaremos a seguir.

A música favorece a interatividade

A música pode criar um clima de interatividade, que é uma lacuna na homilética tradicional.²⁵ A interatividade está de acordo com o princípio protestante do “sacerdócio universal de todos os crentes”, bem como com as modernas teorias da comunicação. A interatividade transforma ouvintes em participantes da proclamação.

Além disso, a música pode ajudar a manter a atenção das pessoas. Segundo Kirst, após vinte minutos a atenção dos ouvintes cai drasticamente.²⁶ Conquistar e manter a atenção dos ouvintes é uma responsabilidade do pregador, reconhecida por todos os grandes homiletas, de todos os tempos. Interagir com as pessoas pode ser uma maneira de ter êxito nesse desafio. Inserir um trecho de uma canção pode aumentar o nível de interesse, renovando a atenção no que está sendo dito.

Quando buscamos a liturgia do tabernáculo/templo do AT como referência, percebemos que não havia pregações, nem apelos evangelísticos dentro do templo. A liturgia do templo não privilegiava algo como a pregação, que centraliza o culto protestante.²⁷ Além disso, mesmo em reuniões fora do templo, as pregações ocorriam num estilo bem diferente do que é praticado hoje nas igrejas cristãs, especialmente as evangélicas. A homilética evangélica atual difere do que encontramos no NT. A própria palavra grega *homilew* inclui o significado de “conversa” (como em Lc 24:14-15, At 24:26), um diálogo e não monólogo.

O que chamamos hoje de “sermão” não é exatamente o que acontecia no AT e na sinagoga. Tanto na sinagoga quanto nas reuniões dos primeiros cristãos, longe de ser apenas um discurso diante de um auditório passivo, eram comuns a participação ativa e interrupções por parte da audiência.²⁸

A música pode sintetizar a mensagem

Um dos graves erros da pregação é cansar os ouvintes com um discurso longo, prolixo. Os pregadores deveriam ter sensibilidade para manter sua prédica dentro de um tempo adequado, ou terminá-la assim que perceber sinais de cansaço ou desinteresse generalizado em sua audiência.²⁹ Uma das formas de resumir e fixar os principais pontos de um sermão é cantando sobre eles.

Tanto no repertório contemporâneo quanto no tradicional há material abrangente. Os hinários evangélicos, por exemplo, contêm teologia em forma de música. Após séculos de reflexão e seleção, foram compilados hinos que abordam praticamente todos os principais temas bíblicos. Apesar de possíveis alguns equívocos teológicos, os hinários têm sido geralmente fieis ao ensino

²⁵ MORAES, 2010, p. 17.

²⁶ KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985. p. 76.

²⁷ O tempo reservado para a pregação e a sua posição como ponto culminante da ordem litúrgica demonstram essa centralidade em muitas tradições protestantes e evangélicas.

²⁸ NORRINGTON, David C. *To Preach or Not to Preach? The Church's Urgent Question*. Carlisle: Paternoster Press, 1996. p. 3-4.

²⁹ MORAES, 2010, p. 43.

bíblico. Na verdade, muitos hinos são didáticos e apologéticos: foram escritos para ensinar doutrinas e combater o que era considerado heresia e práticas errôneas. Enquanto, na música contemporânea, alguns temas ainda aguardam por compositores criativos, o hinário preenche bem essas lacunas.

A música pode transmitir a mensagem em linguagem diversificada

Segundo Moraes, “não é pela prolixidade e complexidade que a mensagem alcança, mas pela simplicidade e objetividade em colocar tudo na linguagem do ouvinte”.³⁰ Ainda hoje, no século XXI, há pregadores que utilizam a linguagem vitoriana ou elisabetana, extremamente articulada, afetada, embora tal dialeto já tenha morrido.³¹

Para Adam, o Evangelho “deve ser relatado, contado, narrado, cantado, expressado com voz, som, gestos, símbolos, imagens, metáforas, performances e ritos, para que possa ser ouvido com o corpo inteiro”.³² Para alcançar plateias mais amplas e diversificadas, o pregador talvez tenha que sacrificar o que para ele é natural, confortável.³³ Tal sacrifício pode envolver abandono do seu estilo confortável de pregar, o uso de novos recursos, e até a supressão do gosto musical particular.

A música pode contribuir para essa diversificação da linguagem utilizada. Os hinários, por exemplo, contêm diversidade de estilos musicais. Eles abrem diante de nós uma história musical de quase dois mil anos. É uma verdadeira jornada cultural, que passa pelo canto gregoriano, o cantochão, os salmos métricos, as melodias inglesas, alemãs, francesas, irlandesas, judaicas, puritanas, *negro spirituals*, o *country*, o *gospel* e toda a gama de obras evangélicas dos séculos XVIII ao XXI.

A música ajuda a catalisar emoções

O elemento emocional é visto com suspeitas devido ao fato de pregadores provocarem deliberadamente sessões de catarse em suas prédicas. Mas o fato de haver pregadores que abusam das emoções não significa que elas devam ser evitadas. Pregador com emoção e de forma tocante pode compensar até mesmo eventuais falhas na apresentação. “A paixão cobre uma multidão de pecados homiléticos”.³⁴

Deus nos fez emotivos, e a arte humana envolve percepção e expressão emocional.³⁵ O AT já deixava claro que Deus deve ser amado de todo o coração e de toda a alma (Dt 6:5), palavras que evocam emoções e intensidade. No entanto há um elemento de racionalidade: “de todo o entendimento” (Mc 12:30).

Concluindo sua tese, Ramos advoga a favor da existência de várias homiléticas, ou de uma homilética única, mas com muitas faces: “sensível e polisensorial, afetiva e comunal, dialógica e democrática, multi e co-inteligente, inter-multi-transdisciplinar, humanizada e humanizante”.³⁶

³⁰ MORAES, 2010, p. 147.

³¹ WHITE, James F. *Protestant Worship: Traditions in Transition*. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1989. p. 164, 183.

³² ADAM, 2013, p. 163.

³³ ROBINSON, Haddon. Pregando a cada um em particular. In: ROBINSON; LARSON, 2009, p. 136.

³⁴ LARSON, Craig Brian. Como manter os ouvintes atentos. In: ROBINSON, 2009, p. 877.

³⁵ AMORESE, Rubem. *Louvor, adoração e liturgia*. Viçosa: Ultimato, 2004. p. 32-34.

³⁶ RAMOS, 2005, p. 254.

Também nesse aspecto a música pode contribuir positivamente. Os hinários, por exemplo, cobrem toda a condição humana. Neles, temos a trilha sonora para momentos de alegria, reflexão, tristeza e até desespero. Cada aspecto da vida humana é retratado, tanto no aspecto horizontal (relacionamentos humanos) quanto no vertical (relacionamento com Deus). Nesse sentido, até mesmo os antigos hinos continuam contemporâneos.

Ao contrário do que pode sugerir o senso comum, os hinos tradicionais também podem tocar as emoções profundamente. As músicas e letras antigas podem até mesmo provocar catarses emocionais.³⁷ Existe uma ideia repetida em publicações e palestras sobre música sacra de que as canções contemporâneas são emocionais,³⁸ enquanto os antigos hinos são racionais. Mas é muito simples verificar como os hinos tocam as pessoas, ativando memórias e arrancando lágrimas de cristãos que estão há mais tempo na jornada.

Música antes, durante e depois

O louvor musical “edifica a alma e predispõe o espírito”.³⁹ A música foi extremamente providencial para o alcance da pregação revivalista de George Whitefield e John Wesley. A eles é creditado o pioneirismo em usar a música para induzir fé e disposição para ouvir a pregação.⁴⁰ Muitos cultos e reuniões religiosas protestantes e evangélicas hoje começam com cânticos para preparar as pessoas para o sermão emocional, já é uma tradição cristã, que começou com os evangelistas fronteirizos estadunidenses há mais de um século.

Cantar antes do sermão é comum, mas cantar *durante* o sermão é mais raro. Refletindo sobre as partes da arte retórica, Ramos destaca que o início e o final do discurso apelam para os sentimentos com o objetivo de comover a audiência, enquanto que o corpo demonstrativo central apela para a razão. O sermão tem uma estrutura cuja moldura externa passional envolve o conteúdo demonstrativo.⁴¹ Portanto, a utilização da música no início e no final do sermão está de acordo com as artes retóricas. Então, qual seria a vantagem de colocar música *durante* o sermão?

A mensagem da Bíblia pode ser transmitida, além da forma de sermão, através de outros meios, como drama, vídeo, testemunho e música. A música *durante* o sermão acrescenta beleza à prédica.

Amorese alerta para o fato de que os pastores modernos não demonstrarem a preocupação em fazer do momento da prédica também uma expressão estética, um momento bonito.⁴² O bom sermão precisa ser correto, mas também belo. Por isso, Amorese afirma que a tecnologia pode agregar o belo à exposição das Escrituras, e sugere que pregadores e artistas se juntem no sentido de associar música à mensagem falada.⁴³

³⁷ Para uma breve avaliação do efeito catártico da homilética espetacular, ver RAMOS, 2005, p. 152-153.

³⁸ Para críticas e defesas da utilização de hinos no culto, bem como de outros estilos musicais, ver BASDEN, Paul (Ed.). *Adoração ou show?* Críticas e defesas de seis estilos de culto. São Paulo: Vida, 2006.

³⁹ AMORESE, 2004, p. 157.

⁴⁰ TERRY, John Marcos. *Evangelism: A Concise History*. Nashville: Broadman & Holman, 1994. p. 110.

⁴¹ RAMOS, 2005, p. 133.

⁴² AMORESE, 2004, p. 157.

⁴³ AMORESE, 2004, p. 157.

Seja através do “sermão segmentado”, do culto musical, ou utilizando a música instrumental como trilha sonora do sermão, como diz Amorese: “como poderia crescer em beleza e envolvimento a mensagem associada à arte! Faltam-nos, talvez, criatividade e ousadia”.⁴⁴

Mesmo recorrendo aos antigos hinários, é possível acrescentar beleza à pregação, pois os hinos contêm excelência poética. Encontramos expressões poéticas sublimes e refinadas. É interessante ver como frases e expressões características dos hinos encontram eco nas composições contemporâneas. Embora existam expressões e palavras extremamente rebuscadas ou desatualizadas, os hinos conseguem dar beleza à eloquência teológica de sua mensagem.

E não é preciso muitos recursos. “Menos é mais”, ensinava o arquiteto alemão Mies Van der Rohe, complementando com “Deus está nos detalhes”. Tanto nos sermões quanto na música, a comunicação pode ser bela, direta e sem rodeios excessivos. Há beleza na simplicidade.

Além de utilizar a música *antes e durante* a pregação, é possível, até mesmo desejável, utilizá-la *depois*. Faz parte da herança evangélica a prática de fazer apelos evangelísticos ao som de uma música (cantada ou instrumental).⁴⁵ Todos os grandes evangelistas e reavivamentistas tinham músicos em suas equipes. Todos os grandes movimentos evangelísticos se apoiaram na música.

Os irmãos John e Charles Wesley conquistaram a Inglaterra pela pregação e pela música. As pregações de John Wesley e os hinos de seu irmão Charles despertaram muita gente. Os cânticos metodistas e reavivalistas foram escritos para amolecer os duros corações dos pecadores.⁴⁶ O primeiro a escrever hinos para o momento do apelo (ou “chamado ao altar”) foi Charles Wesley (1707-1788).⁴⁷ A prática de convidar pessoas a vir à frente ao final do sermão começou com os Metodistas no século XVIII.⁴⁸

Duplas de pregadores e cantores se tornaram populares, como Dwight L. Moody e Ira Sankey, Billy Sunday e Homer Rodeheaver, Billy Graham e Beverly Shea. O grande momento de atuação dessas duplas era o apelo: a combinação perfeita entre pregação e música evangelística. A música toca as emoções e une o coração à mente no exercício da vontade.

Considerações finais

A música tem a ver com a emoção, que é essencial à persuasão: sem emoção dificilmente se leva um ouvinte à ação através de um sermão. Qual, então, é o problema da emoção?

Ramos elenca a emoção entre os elementos de *sedução* da homilética espetacular.⁴⁹ O fascínio da emoção camufla as verdadeiras intenções do discurso, e quando há um confronto entre

⁴⁴ AMORESE, 2004, p. 158.

⁴⁵ Existem setores do protestantismo e do evangelicalismo que não concordam com a prática do apelo. Geralmente, são denominações ligadas ao calvinismo.

⁴⁶ WHITE, 1989, p. 165, 184-185.

⁴⁷ STREETT, R. Alan. *The Effective Invitation*. Old Yappan: Fleming H. Revell, 1984. p. 190.

⁴⁸ MURRAY, Iain H. *Revival and Revivalism: The Making and Marring of American Evangelicalism 1750–1858*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1994. p. 185-190.

⁴⁹ RAMOS, 2005, p. 147-155.

razão e emoção, a razão geralmente perde.⁵⁰ A hipertrofia da emoção provoca o adormecimento da racionalidade.⁵¹ Resumindo, “a emoção facilita o engano”.⁵²

A superênfase na emoção, a renúncia do bom senso e o desprezo à intelectualidade levam ao fanatismo emocionalista. Mas, como um extremo sempre cria outro extremo oposto, a supervalorização da inteligência humana e o racionalismo exagerado também levam ao fanatismo racionalista. Por isso, somos advertidos quanto aos perigos de se perder todo o sentimento, o que levaria à dissolução e à impiedade (Rm 1:31; Ef 4:19).

Na homilética convencional, a principal figura de retórica é a metáfora, pois toca a emoção a partir da razão. Na homilética espetacular, o caminho é inverso, a metonímia é a figura de retórica, partindo da emoção para influenciar a razão.⁵³ O problema é o abuso das emoções, o emocionalismo.

Diante desse quadro, é preciso reconhecer que há mérito na homilética espetacular pelo menos na utilização da música como “condimento” de sua faceta trágica. Se os objetivos da pregação espetacular são questionáveis, o mesmo não se pode dizer de seus meios.

Os pregadores devem estar abertos a avaliar criticamente as homiléticas contemporâneas, aceitando e promovendo o que é considerado ferramentas legítimas "a serviço de uma ação ética, razoável e democrática".⁵⁴ Certamente, a música aliada à palavra é uma ferramenta legítima.

Referências

ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 53, n. 1, p. 160-175, jan./jun. 2013.

AMORESE, Rubem. *Louvor, adoração e liturgia*. Viçosa: Ultimato, 2004.

ARTHURS, Jeffrey. João 3.16 na clave de dó: por que verdadeiros pregadores são líderes de adoração. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (orgs.). *A arte e o ofício da pregação bíblica*. São Paulo: Shedd, 2009.

BASDEN, Paul (Ed.). *Adoração ou show? Críticas e defesas de seis estilos de culto*. São Paulo: Vida, 2006.

⁵⁰ RAMOS, 2005, p. 148-149. Ramos esclarece que se trata de razão lógica *versus* razão afetiva. A verdade pode estar em ambas, ou em nenhuma, ou, ainda, parcialmente nesta e naquela (p. 151).

⁵¹ RAMOS, 2005, p. 200.

⁵² RAMOS, 2005, p. 153.

⁵³ RAMOS, 2005, p. 200.

⁵⁴ RAMOS, 2005, p. 254.

HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. 2015. Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=emotion>. Acesso em: 03 dez. 2015.

KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985.

LARSON, Craig Brian. Como manter os ouvintes atentos. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. *A arte e o ofício da pregação bíblica*. São Paulo: Shedd, 2009.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. *O Gospel é pop: música e religião na cultura pós-moderna*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes de São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95139>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

MORAES, Jilton. *Púlpito, pregação e música: palavra e música unidas na proclamação da Palavra*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

MURRAY, Iain H. *Revival and Revivalism: The Making and Marring of American Evangelicalism 1750–1858*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1994.

NORRINGTON, David C. *To Preach or Not to Preach? The Church's Urgent Question*. Carlisle: Paternoster Press, 1996.

RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade média: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. Tese (Doutorado). São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

_____. Liturgia, lecionário e pregação. In: CARVALHAES, Cláudio (org.). *Teologia do culto: entre o altar e o mundo – estudos multidisciplinares em homenagem a Jaci Maraschin*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012 (p. 17-22).

ROBINSON, Haddon. Pregando a cada um em particular. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. *A arte e o ofício da pregação bíblica*. São Paulo: Shedd, 2009.

SENN, Frank C. *Christian Liturgy: Catholic and Evangelical*. Minneapolis: Fortress Press, 1997.

STRETT, R. Alan. *The Effective Invitation*. Old Yappan: Fleming H. Revell, 1984.

STOTT, John. *Crer é também pensar: a importância da mente na vida cristã*. São Paulo: ABU, 1984.

TERRY, John Marcos. *Evangelism: A Concise History*. Nashville: Broadman & Holman, 1994.

WHITE, James F. *Protestant Worship: Traditions in Transition*. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1989.